

CONJUNTURA | Jimson Vilela

Em sua mais nova exposição individual Jimson Vilela apresenta na Galeria Virgílio uma seleção de trabalhos desenvolvidos entre 2012 e 2015, onde o livro, como objeto em si, ou através dos elementos próprios de seu universo, como diagramação, e conteúdo (de dicionário, ou ainda da própria história da arte), são reconfigurados e pensados vinculados à arquitetura.

Sem título (Conjuntura), trabalho que dá título à exposição, nos faz refletir claramente sobre tais operações e deslocamentos que o artista cria. Numa parede da galeria em frente ao café, o espectador verá curiosamente um livro, que caído no chão, pende da parede por suas páginas alongadas. Páginas essas que atravessam a parede, e dentro da sala, não se findam, correm por todo o espaço. Páginas em branco alvo que, através de seu acúmulo e o rebatimento da luz fria, criam uma espécie de mar revolto, branco azulado e pulsante, que por fim, voltam a penetrar as paredes, em uma ideia de continuidade e infiltração. Um movimento dúbio, porém estático, de sair do livro, ou das paredes se coloca. Ordem e caos convivem em espaços distintos, porém levemente conectados. O artista realiza uma espécie de jogo com a sensibilidade do espectador, cria um contato delicado entre espaço expositivo e o ambiente de circulação da galeria.

Na segunda sala, o artista apresenta a instalação *Névoa* de 2013, na qual as paredes receberam páginas de um dicionário, em que Vilela realizou uma intervenção apagando inteiramente os textos através de diversas técnicas. Algumas apresentam maior sucesso em cobrir ou remover as letras dos papéis, outras deixam nele parte da informação. Porém o espectador atento, ao mergulhar na instalação, descobrirá que o único verbete intacto em toda a obra é *Névoa*. Mais uma vez Vilela realiza um jogo com o espectador, na qual ele só conseguirá alcançar a proposição completa do artista, caso sua sensibilidade ou tempo sobre a obra não seja fugaz.

Na mesma sala o artista apresenta a série de livros objetos *Infiltração*. As três novas obras propõem uma reflexão sobre arquitetura, e são apresentadas como maquetes. Espaços que se dobram para construir marquises e curvas que se atravessam para se

sustentar. Atravessamento, volumetria e forma tomam os livros para além da simbologia que este objeto representa.

O artista também ocupa o corredor que segue a segunda sala. Ali apresenta duas séries, *Lorem Ipsum* e *Vínculo*. Em *Vínculo*, realizado entre 2012 e 2013, diferentes dicionários são recortados e colados em configuração de nós de marinheiro. As curvas e dobras dos nós se fazem ver pelas diferentes temporalidades dos dicionários, um mais novo, e o outro já mais amarelecido pelo tempo. *Lorem Ipsum*, de 2015, se apropria do *Lorem Ipsum*, texto em latim usado para testes de diagramação em livros e projetos gráficos. Seu conteúdo não é reconhecível, a ideia é que o texto seja enxergado apenas como mancha gráfica, forma. A partir da impressão deste texto, com o verso espelhado, Jimson desenvolve uma série de recortes em homenagem à obras minimalistas e pós-minimalistas de artistas como Robert Smithson, Richard Serra, Donald Judd, entre outros. Essas formas são giradas, frente vira verso, e um delicado ruído se coloca na superfície do texto. Assim as palavras de fato viram forma, deixam de ser texto para ser massa, e representar espaços e esculturas.

Ordem e caos sintetizam a exposição. Não que esse caos surja de maneira displicente, todo o arranjo das obras é precisamente pensado pelo artista, e cuidadosamente executado, onde precisão conceitual e formal se unem para a execução dos trabalhos.

Douglas de Freitas | Agosto de 2015